



NESSE TEMPO DE *CHAT*... OS HOMENS [HETEROSSEXUAIS] E OUTROS SIGNIFICADOS SOBRE A SEXUALIDADE MASCULINA¹

Ismar Inácio dos Santos Filho (UNEAL; LOGOS)*
Judith Hoffnagel (UFPE)**

RESUMO: As conversas tecladas, entendidas como eventos de letramento, são aqui vistas como prática social, na qual a aprendizagem e a prática (o uso da linguagem via *Internet*) têm possibilitado, para além de assegurar habilidades e competências digitais, a construção de novos outros significados acerca do masculino, e sua sexualidade – sobre o que é ser homem. É com essa concepção que estamos refletindo sobre a conversa teclada em perspectiva de letramento digital e a construção da identidade sexual, especificamente a masculina. Para este momento, focalizamos nossa análise em *nicknames*, trechos de conversas tecladas de homens e entrevistas com homens em espaços de conversas *online*, na tentativa de compreendermos que sentidos são construídos pelos homens nesse espaço e que outros aspectos da sexualidade masculina são apreendidos/depreendidos. Entretanto, a ideia principal é lidarmos com o fato de que os homens ao frequentarem os *chats* provavelmente estão experimentando/vivenciando/discutindo outros jeitos de ser, isto também no que se refere a sua sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: letramento digital, usos linguísticos válidos, masculinidades

AT THIS MOMENT OF CHATS... [HETEROSEXUAL] MEN AND OTHER MEANINGS FOR MALE SEXUALITY

ABSTRACT: The chats, understood as literacy events, they are here seen as social practice, in which learning and practice have made possible the construction of new other meanings about heterosexual masculinity. Thus, we are reflecting on the chat on prospect of digital literacy and the construction of sexual identity. For this moment, we focus nicknames, conversations and interviews online. However, the main idea is the fact that men are experiencing other ways of being.

KEYWORDS: digital literacy, valid linguistic usages, masculinities

¹ Artigo produzido por ocasião da mesa-redonda "Letramentos digitais: o que eles estão fazendo com a gente ou que estamos fazendo com eles?", no 18º INPLA/PUCSP, sob a organização do professor Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ).



É certo que em nossa sociedade paira um senso comum dominante a respeito do que é ser homem e do que é ser mulher. Todavia, esse senso tem sido aos poucos esfacelado, pois, é certo também que a ideia que possuímos a respeito, e também como nos reconhecemos como homem ou mulher, se constrói na rede de discursos a qual tivemos/temos acesso em nosso cotidiano. Assim, ao assistir a TV, ao ler um jornal, ao frequentar as aulas na escola, etc., os homens estão (re)aprendendo sentidos sobre si, sentidos sobre o que é ser masculino. Seguindo este raciocínio, parece-nos que a cada novo dia a pergunta “O que é ser homem?” torna-se oportuna, em função de diversos objetivos. Aqui, ela torna-se necessária tendo em vista a compreensão do que fazem os homens nas conversas tecladas e o que elas fazem com eles. Para adentrar em tal discussão, é importante afirmarmos que, se ao mesmo tempo o questionamento é oportuno, entretanto, para o senso comum, ele não faz sentido, pois, este compreende que ser homem é assumir o papel de seu sexo (CONNELL, 1995). Ou seja, ser homem é atender ao conjunto de atividades e expectativas que definem, a partir de uma essência biológica, divina e universal, a masculinidade.

Sobre a indagação, em publicação recente, a revista *Homem Alfa*, que se propõe a dar exemplos de homem, edição nº 01/2010, publicou uma pesquisa sobre “O que é ser homem hoje” (NOGUEIRA *et al.*, 2010), trazendo um perfil do homem, um conjunto de atividades e expectativas. A revista afirma que ser homem é encarar perigo e desafios, possuir força, ser altivo e sereno, trabalhar duro, ter capacidade de reinvenção, poder conviver com a dor, poder dar reviravoltas, ser batalhador, ser dedicado, obstinado e corajoso, saber falar o que as mulheres querem ouvir, inovar, ser elegante, poder levar a vida com leveza, ter heróis, dentre outras coisas. A revista postula ainda que o homem atual não deixou de ser guerreiro, protetor, provedor, que pode encher a cara no boteco, jogar bola, comportar-se mal (às vezes) e ser irresponsável, tudo isto mesmo sendo sensível, trocando fraldas de bebê, não caindo no sono após o sexo, fazendo bom sexo oral, querendo que ela goze, colocando a criança para dormir, apoiando os avanços da mulher, admirando e amando-a também e cultuando o corpo, entre outras coisas.

Todavia, ao pensar o homem por uma perspectiva de papel do sexo, como parece ser o caso da reportagem citada, acaba-se caindo em uma quimera discursiva, em valores e atitudes mais atinentes ao discurso que à vida, neste caso, à vida da maioria dos homens. Ou seja, estamos fazendo entender que pensar o homem por um conjunto de atividades e expectativas dentro do papel de sexo não dá conta de pensar o homem em sua complexidade e nas múltiplas formas de ser homem. Assim, entendemos que a posição da revista é muito mais uma estratégia de política masculina do que uma “representação” do homem empírico.



Atualmente, em posição oposta, os estudos sobre homem (CONNELL, 1995; CARRARA, 2009) possibilitam-nos entender que, diferentemente de pensar o homem por um papel de sexo, devemos observá-lo pelo conceito de gênero. Logo, entendermos que ser homem perpassa por entender o fenômeno da masculinidade, compreendendo-a não como uma substância, mas como um fenômeno inconstante e contextual, isto é, nunca o sujeito é masculino, pode estar masculino. O masculino nesse entendimento é um efeito, uma performance (BUTLER, 2003); existiriam expressões de masculinidade. Nessa perspectiva, masculino é o resultado de repetições constitutivas que impõem efeitos substancializadores.

Butler (2003) faz-nos entender que ser masculino decorre das maneiras como as sociedades lidam com seus projetos sexo-gênero. Esclarece que nas sociedades ocidentais o projeto é de um gênero inteligível, aquele que institui, possui e mantém coerência interna entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, o que exige a heterossexualidade estável. Nesse sentido, como bem vemos na revista citada, ser masculino é, entre outras dimensões, ser heterossexual, aquele que possui pênis, enquanto sexo, e possui desejos e mantém relações afetivo-sexuais com mulheres, o outro que possui uma vagina, naturalmente. O gênero inteligível está atrelado à sexualidade, ou melhor, à heterossexualidade.

Entretanto, empiricamente, não temos em nossa sociedade apenas a masculinidade inteligível, pois, como afirma Connell (1995), masculino é uma configuração de práticas, é aquilo que o homem faz, não aquilo que é esperado dele. Por esse ângulo, não existe um homem, existem homens; não existe a masculinidade, existem masculinidadeS, pois existem diversos jeitos de ser homem, em perspectiva de uma produção sociocultural, configurada em diferentes práticas. Assumimos aqui uma postura construcionista das masculinidades, aquela em que

(...) os objetos sociais não são dados 'no mundo', mas construídos, negociados, reformados, modelados e organizados pelos seres humanos em seus esforços de fazer sentido dos acontecimentos no mundo. (SARBIN e KITSUSE, 1994, *apud* MOITA LOPES, 2003, p. 23).

Nesta direção, as diversas práticas linguísticas/discursivas não apenas representam a vida social, mas geram processos de modelagem das diversas maneiras de ser homem, em vários aspectos, inclusive e exclusivamente, referente à sexualidade. Na atual sociedade, em decorrência da interação global, surgem novas formas de sexualidade, reconfigurando as masculinidades, mesmo as heterossexuais. Logo, podemos entender que existem masculinidades distintas, mesmo quando estas são heterossexuais, pois, as práticas são históricas e contextuais Connell (1995).



Faz-se importante dizer que estamos conceituando sexualidade, a partir de Foucault (1988), como o conjunto de efeitos relacionados às práticas, aos desejos e aos comportamentos sexuais produzidos por dispositivos socioculturais, no corpo, nos comportamentos e nas relações sociais – “um produto de símbolos e significados intersubjetivos” (PARKER, 2010, p. 132) –, sócio-discursivamente construído. Quanto ao fato de a sexualidade assumir diversas formas, com base em Giddens (1993), entendemos que nesse tempo atual, o tempo do *chat*, devido a fatores sociais e tecnológicos, a sexualidade, por ser autônoma, torna-se plástica, maleável. Ou seja, a sexualidade está sujeita a ser assumida de diversas maneiras, configurando a encarnação da liberdade, da busca pelo prazer e alegrias. Por isso, é salutar esclarecer que em diferentes contextos, diversas instâncias se posicionam para defender a suposta masculinidade verdadeira, natural, divina, causando, deste modo, tensões entre as diversas masculinidades. Ser homem atrela-se a questões de poder e ideologia.

Pelo o anteriormente exposto, é possível ter a ideia de que em uma dada comunidade de prática, em seus eventos de letramento, e nestes, nas práticas linguístico-discursivas – as interações virtuais nas salas de bate-papo, por exemplo – os homens podem reconfigurar sua masculinidade e sua sexualidade, visto que tanto aquela quanto esta são entendidas como constructos socioculturais, forjados na intersubjetividade. Sendo assim, interessa-nos aqui compreender quais significados acerca dos homens heterossexuais e sua sexualidade são propostos através do letramento em um ambiente virtual, as salas de bate-papo *Cidades e Regiões UOL/Nordeste*. Para tal, discutimos inicialmente nossa ideia de letramento, apresentamos minimamente os caminhos metodológicos, em uma perspectiva de etnografia virtual, apontando um “rascunho” etnográfico, e, posteriormente, o que conta como válido sobre masculinidades nas conversas tecladas, o letramento digital entre homens, nesse tempo de *chat*.

1. Nesse tempo de chat ... compreendendo a ideia de letramento

Ao nos referirmos no título deste trabalho ao “tempo do *chat*”, é nossa intenção fazer distinção em relação ao tempo da carta, do telegrama, e até mesmo do *e-mail*, no tocante aos usos da linguagem para o estabelecimento da interação. Nesse tempo do *chat*, no qual estabelecemos conversas instantâneas, seja via computador: *notebook*, PC, ou mesmo os atuais *tablets*, ou seja via celular, ou outro *mobile*, deparamo-nos com outros usos da língua/linguagem para a interação, deparamo-nos com um novo jeito de lidar com a “escrita”, pois são outras peças



escritas que começam a participar de nossa vida, a exemplo das conversas tecladas, seja nos *chats* ou nos mensageiros instantâneos, como o *Windows Live Messenger*, o famoso MSN. Defrontamo-nos também com um novo espaço e com outro jeito de estabelecer a comunicação. Entendendo por essa perspectiva, envolvemo-nos em novos eventos de letramento, isto é, novas ocasiões durante as quais tentamos compreender e produzir “inscrições”, “ocasião em que um pedaço de *escrita* é parte integrante da natureza das interações dos participantes e seus processos interpretativos” [ênfase nossa] (STREET, 2003, p. 78).

Nesse contexto, fomos/somos “obrigados” a reaprender a usar a língua, nesse novo espaço. Isto é, necessitamos estar letrados. É um novo letramento. Todavia, essa aprendizagem perpassa pela concepção que temos de língua, mesmo que esta não seja consciente. Sobre esta questão, os estudos em linguagem apontam-nos que a língua pode ser pensada como um sistema imanente, à maneira de Saussure, ou como atividade de interação, em Bakhtin, por exemplo. Pensando a respeito, entendemos que o novo “registro” linguístico que surgiu no contexto da Internet, em *e-mails*, *chats*, e em tantos outros gêneros digitais, denominado de *internetês* – “escrita cifrada”, “linguagem criativa”, “linguagem abreviada”, “escrita instantânea”, “grafia abreviada”, etc. – foi inicialmente entendido e encarado como língua única neste espaço, em perspectiva “universal” – usada do mesmo jeito por todos os internautas. Seguindo este pensamento, muitos estudos em linguagem preocuparam-se em caracterizar a linguagem da Internet, com foco nas habilidades técnicas, na aquisição de competências. Esta preocupação centrou-se em uma suposta imanência e neutralidade da língua. Assim, a descrição deste registro linguístico foi o alvo. Porém, chamamos a atenção para o fato de que não estamos, com essa fala, negando a importância da descrição.

Tal postura demonstra-nos que letramento por essa via foi/é pensado por uma perspectiva autônoma, segundo denomina Street (2003), que encara o letramento em si, isto é, como se bastasse aos sujeitos adquirirem as habilidades técnicas, perpassando pelas cognitivas que, automaticamente, poderiam usar a língua para a comunicação. A língua nessa postura é uma tecnologia que por si só garante a ampliação da competência.

Diferentemente, os novos estudos de letramento possibilitam-nos entender que, muito mais do que o conhecimento do código, é a prática – as maneiras pelas quais as pessoas lidam (pensam e fazem) com a leitura e a escrita –, que possibilitam e potencializam os usos da língua em processos interativos, estando estes pautados no tempo, no espaço, nos conhecimentos, nas identidades, nas ideologias (STREET, 2003; BARTON; HAMILTON, 2005; LOPES, 2006; MOITA LOPES, 2005). En-

tendemos assim que o uso da língua ocorre dentro de contextos particulares. Logo, os usos são entendidos como enraizados em uma visão de mundo particular (STREET, 2003). Pelo exposto, entram no jogo do processo de tornar-se letrado os próprios sujeitos (MOITA LOPES, 2005). Usar a língua é realizar atos sociais. É o modelo ideológico de letramento.

A reportagem “As novas regras da linguagem” (TAYLOR, 2010), publicada na revista *Men’s Health*, edição de julho de 2010, pode ilustrar essa questão e ajudar-nos no entendimento dessa outra compreensão de letramento. Vejamos abaixo:

O E-MAIL QUE VAI GANHÁ-LA
A mensagem no quadro abaixo tem erros e acertos. Escreva o que ela quer ler!

Vai escrever seu primeiro e-mail para a mulher que conheceu no site de relacionamentos ou na balada? Uma mancinela pode pôr tudo a perder. Segundo pesquisa no site americano okcupid.com, líder no segmento de encontros on-line,

1 **Solução personalizada**
Em vez de um simples “Oi”, comece com um “**Ola, Fernanda, tudo bem?**”
“Escrever o nome da mulher logo de cara sai fazer com que ela se sinta exclusiva, dona da mensagem”, diz Karina Dinco, analista do metadadead.com.

2 **Não, preguiça**
Esqueça mensagens como “**Oi, tudo bem?**”
“São muito informais para e-mail inicial. Parece preguiça sua”, afirma Neeres.

3 **Palavra precisa**
Termos e expressões que mostram que você leu o perfil dela com atenção.
“**Percebi que você gosta de jogar de xadrez**”, diz Alan Dósti, diretor de consultoria Buretyout, no Inglaterra.

4 **Afinidade por interesses**
Mencione algo que você gosta.
“As pessoas procuram palavras que se aplicam à vida delas”, diz Alan Dósti, diretor de consultoria Buretyout, no Inglaterra.

5 **Bela interior**
Se o cara escreve “**Você é linda**”, não se deixe enganar.
“Até o Cláudio Bandelman, presidente do parquinho com br. Aporte para o ramo dela e para o cenário que a envolve”.
“**Adorei o pôr do sol na sua foto**”, e o corpo dela virá junto.

6 **Inculca e bela**
Erros de português não são uma barreira. Use um corretor ortográfico ou dicionário, no caso de dúvidas. Ou visite para a escola. Mesmo se você for o professor Pasquale, releia tudo antes de enviar o e-mail.

7 **Sorriso maroto**
Bom humor é sempre bem-vindo. Use um “**Haha**” ou “**Yrs**” para fazê-la rir. Ela vai cogitar ouvir sua gargalhada ao vivo.

GEREN
Aprenda a rev
A socialização digital nos leva a pensar em uma nova maneira de a biologia evoluir. Inglaterra, o tema a linguagem) limit

1 **Os titulares** A comunicação é o primeiro passo para o sucesso no Facebook. É como a chave de pasta”, diz a Universidade de Har seu tempo. “Esses importantes gesto no destino as que real

3 **A conexão** É a conexão. Você não tem, mas não importa se as sociais são mais úteis para manter contato. Precisa se esforçar. “Obstáculos de suas regras e mensagens, a está por dentro da b

5 **De crianças** São estudos com você vontade. É possível no basicamente sem fazer obter informação – no quebra todos um fil

TURBINE SEU “TEXT APPEAL”
Com um bom fraseado, seu torpedão vai derreter o coração dela

1 **Esqueça a praticidade**
O estudo pesquisa da Universidade Sheffield Hallam, na Inglaterra, concluiu que os homens usam torpedões para gerar e organizar de ler e transmitir mensagens com

2 **Leia as entrelinhas**
O estudo torpedões são facilmente mal interpretados. “Confiar demais na nossa habilidade de ler e transmitir mensagens com

3 **Aposte no romantismo**
O estudo está da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, descobriu que as mulheres são mais emocionais e falam mais

Figura 01: Recorte de texto jornalístico que aponta para o letramento como prática.

A matéria propõe-se a levar os homens a dominar o que chama de *digitalês*, permitindo que estes triunfem no jogo da sedução, nas relações profissionais e nos seus círculos de amigos. Ao falar de “novas regras”, aparentemente dá a impressão de que vai tratar das regras da língua, em seu sentido de uma gramática normativa, tal qual têm feito os textos de comando na mídia contemporânea, como em expressar-se em português com clareza e correção é uma das maiores dificuldades dos brasileiros, na reportagem “Falar e escrever, eis a questão” (LIMA, 2001), na revista *Veja*, edição 1.725, de 7 de novembro de 2001. Entre-



tanto, afirmando que julgamos ser fluentes na comunicação virtual, mas que é ledo engano, propõe-se a tratar de “erros” e “acertos” em outra perspectiva, estes no sentido do que conta como válido para os sujeitos envolvidos na interação e que sentidos geram (MOITA LOPES, 2005), não de modo generalizado, mas na interação por *e-mail* com a mulher que conheceu no site de relacionamento ou na balada, na interação do homem com sua paquera, via torpedo, no gerenciamento da rede de contatos e em *e-mails* profissionais e na construção do perfil nas redes sociais como um meio de construção de sua marca pessoal.

De acordo com a reportagem, o que conta como válido para o primeiro *e-mail* a ser enviado para a garota que acabou de conhecer? Sobre o destaque acima, podemos frisar que são sugeridas como válidas algumas maneiras de usar a linguagem, no intuito de “ganhar” a garota. Dentre estas:

O QUE CONTA COMO VÁLIDO: TENTATIVA DE IMPRIMIR SENTIDOS ESPECÍFICOS	POSSÍVEIS SENTIDOS IMPRESSOS
A saudação personalizada	Fazer a garota sentir-se exclusiva, dona da “mensagem”
O não uso de abreviações de palavras, termos e expressões	Não ser informal demais no início do contato
Mencionar interesses dela específicos	Fazer crer que prestou atenção nela e na vida dela
Apontar características psicológicas ou algo do entorno dela, nunca características físicas	Diferenciar-se das demais paqueras que ela possa receber
Não cometer erros de língua	Não ser inculto
Usar abreviaturas de risos	Tentar fazê-la ouvir o riso dele

Quadro 01 – O que conta como válido no primeiro *e-mail* a ser enviado para a garota.

Pelo exposto, direcionamo-nos a compreender letramento não pela perspectiva da visão padrão, aquela que o encara como uma habilidade técnica e neutra, mas, aproximamo-nos da compreensão de letramento como prática social. Assim, em nossa postura metodológica, como aconselha Street (2003), lançamos nossos olhares para a natureza do evento de letramento e a prática social figurada naquele evento, visto que são esses os aspectos do uso da língua que a fazem funcionar, instituindo significados em interações. As críticas que têm sido feitas a essa perspectiva de encarar o letramento como contextual vão na direção de ques-



tionar se de fato existe um letramento “local”. Todavia, já é consenso acreditar que os letramentos são sempre híbridos, pois, sofrem pressões do “distante”, principalmente, em nosso caso, em que estamos pensando em uma cibercultura. Outro ponto a ser esclarecido é que estudar letramento é necessariamente compreender que discursos são forjados nas práticas sociais de uso da língua.

2. Caminhos metodológicos... etnografia virtual em uma comunidade de prática

Temos o propósito de refletir acerca do que os letramentos digitais estão fazendo conosco ou o que estamos fazendo com eles. Nessa empreitada, e tendo apontado nosso entendimento do que seja letramento, faz-se necessário afirmar que apenas podemos responder, minimante, sobre o que determinado letramento está fazendo com as pessoas e/ou o que as pessoas estão fazendo com ele, este sendo entendido como usos linguísticos/discursivos interativos aprovados socialmente, se situarmos o estudo a um grupo particular, buscando entender como as pessoas ali usam a língua, na tentativa de adentrar a uma prática linguística/discursiva situada, logo, a uma comunidade de prática.

De acordo com Wenger (2008), podemos entender como comunidade de prática um grupo de pessoas que de modo informal e em interação compartilha interesses em torno das mesmas coisas, sob as mesmas condições, constrói e aprende conjuntamente os significados daquela prática, compreende os meandros daquela prática, desenvolve sentido de si como pertencente ao grupo, tem prática compartilhada, possui um repertório compartilhado, de rotina, vocabulário, estilo, por exemplo. Nesse sentido, a prática reflete o que é importante sob a perspectiva dos membros daquela comunidade. É importante compreender que o pertencimento a uma comunidade de prática independe do nível de participação, interação e atividade que o sujeito apresente.

Neste entendimento, os estudos de letramento passam a se relacionar com a noção de “comunidade de prática”, como propõe Barton e Hamilton (2005, p.1), entendendo que esta é a chave de ligação com o letramento, pois,

(...) the framings provided by theories of languages, literacy, discourse and power are central to understanding the dynamics of communities of practice, but they are not made explicit in Wenger's formulations.

Ainda sobre comunidade de prática, é importante compreender com Hamilton e Barton (2005) que a maioria das interações na sociedade contemporânea são textualmente mediadas e que estas constroem e constroem as práticas.



Para tal, é necessário realizar uma observação minuciosa das práticas sociais, através de uma abordagem etnográfica, aqui, na perspectiva de Hine (2008), aquele estudo em que cabe ao pesquisador a aproximação ao grupo de estudos para que sua interpretação perpassa pela compreensão daqueles sujeitos envolvidos naquelas práticas. Por este ângulo, a interpretação constrói-se pela imbricação dos olhares do pesquisador aos dos próprios sujeitos daquela comunidade.

3. Salas *Cidades e Regiões UOL...* uma comunidade de prática – *rascunhos etnográficos*

Entendendo as Salas *Cidades e Regiões UOL* como um ambiente técnico-social virtual e que é apenas a partir de uma aproximação com este que podemos aventar hipóteses acerca do que o letramento digital nesse espaço está fazendo com os membros desse grupo, aqui refletimos especificamente sobre os homens heterossexuais. Sobre essa comunidade de prática, é de fundamental importância compreender que sobre a polêmica em relação ao que é real na vida desses sujeitos, consideramos que em vez de perguntar se as interações na Internet são autênticas, ou se as pessoas realmente são quem dizem que são, devemos aferir/avaliar como as práticas são ali organizadas, vividas e experienciadas, isto é, como a cultura é forjada nos próprios termos desse espaço (HINE, 2008). Assim, são postas de lado questões acerca do que as identidades realmente são e se a realidade está ali, descolando o foco sobre os usos linguísticos/discursivos que contam como válidos dentro das interações ali realizadas e as identidades forjadas.

Através de “visitas”² às salas virtuais de bate-papo UOL Nordeste – as salas denominadas *Cidades*, especificamente as salas *Cidades Recife* (PE) e *Arapiraca* (AL) –, foram realizadas “observações”, para “escuta” desses sujeitos, no sentido de minimamente terçemos algumas considerações acerca de quem são, qual o interesse em comum, quais os meandros da prática linguística/discursiva, quais discursos são ali forjados e veiculados, o que conta como válido para os usos linguísticos/textuais e finalmente quais sentidos são construídos sobre si.

Em estudo realizado em 2010, apontamos algumas considerações sobre esses espaços.

Sobre esses espaços e as interações realizadas, um aspecto importante a ser considerado é o interesse que se apresenta a partir das conversas ali realizadas. É possível afirmar, com base nos dados coletados que, provavelmente, as salas Ci-

² As visitas a estas salas datam de 2006, período em que o autor começou a esboçar interesses em compreender a masculinidade bissexual e sua constituição *on-line*, inicialmente em um estudo desenvolvido em disciplina do mestrado e, posteriormente, de modo mais aprofundado no doutoramento.



dades são espaços de encontros sexuais, mesmo não sendo salas específicas ou denominadas para esse fim. O quadro abaixo com trechos de falas de alguns usuários aponta para o grande interesse comum nessas salas: a prática sexual. A construção da segunda fala (abaixo) é muito reveladora do desejo com qual o usuário **bebadoafim de fude** entrou nesse espaço. Sua fala reforça a intenção explicitada também no apelido, pois quando ele diz “com vc” ao cueca bi, constrói o seguinte enunciado: “Cueca bi, estou afim de foder com você” . (SANTOS FILHO, 2010, p. 03-04)

É importante também destacar que as conversas que são travadas nesse espaço apontam para o interesse sexual, em específico para os interesses homo e bissexual. Todavia, é importante

(10:28:33) **Afinção de curtir** fala para **Todos**: algum cara afim
(10:45:59) **bebadoafim de fude** fala para **cueca bi**: com vc
(10:50:55) **quero fuder** fala para **Todos**: oi para tdos os homens

também salientar que essas salas não são espaços exclusivos para homossexuais ou bissexuais, mas que ali também existe o alinhamento (GOFFMAN, [1979] 2002) para a heterossexualidade.

A respeito dos sujeitos que interagem nessas salas cidades Recife e Arapiraca, podemos afirmar que são homens e mulheres, de diversas idades, desde adolescente até pessoas da terceira idade (mesmo que raras). Em sua maioria são homens, sejam solteiros, namorando, noivos, casados e divorciados, de variados níveis socioeconômicos.

Dentre os homens que teclam, muitos se apresentam como bissexuais (SANTOS FILHO, 2010), em busca de encontros homossexuais. Porém, estão também nessas salas os homens heterossexuais. Assim, para este momento, a reflexão se volta para essa masculinidade (CONNELL, 1995), tentando apontar alguns dados que nos possibilitem pensar sobre o que esse letramento digital, a conversa teclada nessas salas de bate-papo, tem feito com eles. Sendo mais específico, se estamos compreendendo que essas Salas são espaços para encontros sexuais, refletimos acerca do que esse letramento digital está fazendo com a sexualidade dos homens heterossexuais.

4. Letramento digital: chat, conversa teclada... o que conta como válido?

Como já anunciamos anteriormente, estamos compreendendo as Salas *Cidades e Regiões UOL* como comunidades de práticas (WENGER, 2008), nas quais estamos olhando para o letramento que ali se desenvol-



ve, na tentativa de compreender o que este letramento faz com os homens heterossexuais, especificamente em relação à sua sexualidade. Para isto, focalizamos a prática linguístico-discursiva. Essa observação se torna possível porque entendemos que o homem, o masculino, não é uma substância, ao contrário, uma configuração de práticas, e práticas linguísticas discursivas, que geram efeitos de substância. Por essa perspectiva, passam a existir diversas formas de ser homem, visto que podem existir diversas práticas.

No tocante à dimensão da sexualidade, entendida também como um constructo sociocultural, forjado por dispositivos sociais, culturais e tecnológicos, o homem idealizado dentro do bojo da sociedade ocidental configura-se como um masculino inteligível, aquele que assume uma suposta coerência entre sexo, gênero e desejos e práticas sexuais, é o homem heterossexual. Todavia, o homem empírico não necessariamente configura-se desta maneira. Pode ser, pelas categorias ocidentais, heterossexual, homossexual e bissexual. Mas, mesmo que assuma a orientação heterossexual, pode, em suas práticas, ressignificar-se, visto que, como apontamos, a sexualidade nesse tempo de *chat* está aberta a assumir diversas formas, fato que proporciona liberdade sexual aos homens. Por esse viés, masculinidade e heterossexualidade dialogam, mas não são dependentes, visto que adotamos a compreensão de que não há causalidade entre comportamento sexual e identidade sexual e de gênero (PARKER, 2010).

Assim percebendo, almejamos refletir sobre as práticas linguístico-discursivas nas conversas tecladas, tomando-as aqui como eventos de letramento, situadas no *chat*, entendido no âmbito de uma comunidade de práticas, na qual o interesse comum é o de realizar encontros afetivo-sexuais. Logo, é nosso intuito compreender a cultura sexual e o *script sexual* delineado, com vistas para a heterossexualidade.

4.1 Peixe fora d'água? O homem heterossexual inteligível marca presença

(12:19:47) **fabio de Olinda-39** entra na sala...
(12:20:00) **fabio de Olinda-39** fala para **casada no hotel**: oii
(12:20:17) **fabio de Olinda-39** fala para **Taty**: bom dia
(12:20:44) **fabio de Olinda-39** fala para **Todos**: bom dia alguma mulher de igarassu, paulista, jd. atlantico
(12:21:05) **fabio de Olinda-39** fala para **Todos**: vou embora desta sala pois nao tem mulher
(12:21:14) **fabio de Olinda-39** sai da sala...

28/02/2011 (Recife)



Dentro do interesse de encontro amorosos-sexuais, “fabio de Olinda-39”, no espaço da sala virtual tem “autorização” para dirigir-se às mulheres que estão também *on-line* e dar a investida comum aos homens heterossexuais. Entretanto, nesse evento, percebemos que “fabio de Olinda-39” não foi bem sucedido, visto que não obteve retorno, nem de “Taty”, nem de “casada no hotel”. Mesmo assim, dialoga com “Todos”, a procura de uma parceira. Sem sucesso. Ou não há mulher heterossexual na sala ou simplesmente não foram atraídas por seu contato. Em sua prática linguística, “fabio de Olinda-39” prefere em sua apresentação apenas usar um nome próprio de pessoa, marcar a cidade de onde tecla e a idade, não evidenciando, deste modo, nenhum interesse, qualidade ou atributo sexual em específico. Demonstra-se também educado e cortês, ao tentar estabelecer contato com uma mulher, fato perceptível em “oii” e “bom dia”. Entretanto, parece que talvez esses usos linguísticos, tanto na apresentação quanto no cumprimento, não sejam muito viáveis nesse espaço, no qual as investidas são sempre mais ousadas, sexualmente falando. O fato é que “fabio de Olinda-39”, demonstrando-se heterossexual, não consegue nesse momento estabelecer conversa e, assim, prefere deixar a sala, antes, anunciando sua saída e o motivo desta, a falta de mulher. “fabio de Olinda-39” ficou apenas 1’27” (1 minuto e 27 segundos) na sala.

A saída de “fabio de Olinda-39” pode ser compreendida como sendo um afastamento das conversas, que são, em sua maioria, conversas de cunho homoafetivo. Assim, “fabio de Olinda-39” se posiciona como o homem heterossexual inteligível, aquele que unicamente tem relações afetivas e sexuais com pessoas do sexo oposto. Tendo em vista sua orientação sexual, declarada, quando apenas opta por contatos com mulheres, nem ao menos cogita conversar com homossexuais, bissexuais, ou mesmo outros heterossexuais, configurando uma postura dentro da heteronormatividade. Desta maneira, é visível que o homem heterossexual inteligível marca sua presença nessa cultura sexual nas comunidades de conversas virtuais. Essa prática discursiva proporciona o efeito de substância a sua masculinidade, ao mesmo tempo em que o distancia de uma possível remodelagem na masculinidade, o que aconteceria através dos outros significados possíveis, visíveis nas conversas ali estabelecidas.

Apenas para contrastarmos o uso linguístico do *nickname* “fabio de Olinda-39”, pensando o letramento digital nessa comunidade, com os usos linguísticos mais recorrentes no *chat* UOL, Salas Cidades e Regiões, exibimos abaixo os *nicknames on-line* em 21/06/2011, às 15h e 56 minutos (cidade Arapiraca/AL). Nesse momento, encontramos os seguintes sujeitos masculinos: “45 solteiro”, “bruno”, “CASADO”, “Experiente”, “Garoto AFIM”, “H AFIMh”, “H serio”, “HotMan”, “HxH 26a local”, “KSADO BI PASSIVO”, “lindo 21cm cam”, “Lippe”, “pedroHH”, “PROFESSOR” e “RODRIGUES 30 H”.



4.2 Tamanho é documento: a “atividade” do homem heterossexual inteligível espriada nas conversas

No bojo das atividades e expectativas do/para o homem, o heterossexual inteligível, está a “atividade”, em detrimento da passividade, para o feminino. No que concerne à “atividade” masculina, o homem é ativo, viril, macho, forte, possuidor, dentre outros aspectos. Por essa compreensão, percebemos que as práticas linguísticas nas conversas tecladas ensaiam essa característica da masculinidade heterossexual. Assim, é comum o uso de *nicknames* que remetam à “atividade”, tais como, “Paulão”, “Fabão”, “Negão”, “Pedrão”, “taradão”, “gostosão”, “cariocão”, “boyzão”, “rolão”, “noivão”, dentre outros. A atividade nessas palavras é construída a partir do uso do sufixo de grau “ão”, cujo uso intensifica a si mesmo, como em “Pedrão” e “Fabão”, intensifica uma qualidade, como em “gostosão”, “taradão”, “Negão”, ou intensifica uma condição, como em “noivão” e “boyzão”, bem como intensifica uma parte do corpo, como em “rolão” etc.

Pelo exposto, é nítida a percepção de que o uso do aumentativo a partir de “ão” é uma prática válida nesse espaço de conversas tecladas, pois seu uso no *nickname* possibilita ao participante das conversas destacar-se na apresentação de sua identidade e de seus atributos sexuais. Tal prática leva-nos a considerar que se o uso é viável, como notamos, é em função de a “atividade” ser uma característica desejada para as relações afetivo-sexuais. Todavia, é interessante notar que o uso do aumentativo, que a nosso ver, funciona como característica de ser forte, grande, é uma retomada da perspectiva essencialista da masculinidade, que é percebida por sua “atividade”. Entretanto, o curioso é perceber que aqui, não necessariamente é o homem heterossexual inteligível que toma para si essa característica. Ao contrário, ela é tomada por muitos dos membros da comunidade, indistintamente de sua preferência sexual. Mesmo assim, é a configuração da atividade heterossexual, em oposição à passividade, que acaba também marcando presença nessa cultura sexual e organizando o roteiro do ali possível e permitido, ou necessário, enquanto prática linguístico-discursiva.

A busca pela “atividade” pode ser evidenciada também em trechos de conversas abertas, como abaixo:

(08:49:08) **HIGOR BOA VISTA 30** entra na sala...

(08:49:33) **HIGOR BOA VISTA 30 (reservadamente)** fala para **Todos**: alguém afim de tc com um cara de 30 anos que mora na boa vista e que só curte um cara com jeito, voz e atitude de homem mesmo?

20/12/2010 (Recife)



(09:59:05) **rennan cam** entra na sala...

(09:59:13) **rennan cam (reservadamente)** fala para **Todos:** algum ATIVO serio que curte um RAPAZ discreto e não afeminado

(09:59:39) **rennan cam (reservadamente)** fala para **Todos:** algum ATIVO serio que curte um RAPAZ discreto e não afeminado

(10:00:37) **rennan cam (reservadamente)** fala para **Todos:** algum ATIVO serio que curte um RAPAZ discreto e não afeminado

20/12/2010 (Recife)

Tanto nas falas de “rennan cam” quanto nas de “HIGOR BOA VISTA 30” fica nítido o desejo da expectativa da masculinidade heterossexual, a “atividade”, mesmo fora dessa sexualidade. Assim, imprimem os sentidos de que características que outrora apenas remetiam aos heterossexuais inteligíveis estão também em outras masculinidades, visto que os homossexuais e os bissexuais podem do mesmo modo assumir a virilidade. Além disso, a heterossexualidade continua sendo tomada como ponto de comparação para outras masculinidades. Isso é evidente quando um RAPAZ ATIVO, cara com jeito, voz e atitude de homem mesmo, discreto e não afeminado é preferido, em detrimento de um homem afeminado. Percebe-se também que o heterossexual inteligível, ou ao menos as suas características, continua valorizado, entendido como o “homem mesmo”, mesmo quando dentro de outras masculinidades. Assim, o homem heterossexual vai sendo construído como aquele superior aos demais homens, reforçando, desta maneira, a hegemonia discursiva da heteronormatividade, mas, sabendo que outros iguais a ele podem não ser “iguais”, aquele denominado pelo heterossexual de “coca fanta”, expressão ainda recorrente para fazer referência aos homens não heterossexuais.

4.3 Sei que você está aí, você sabe que estou aqui: o heterossexual inteligível e a possibilidade de “convivência” com outras masculinidades

A heterossexualidade continua marcando presença nas salas de bate-papo UOL. Entretanto, utilizando-se de estratégia linguística diferente daquela apresentada por “fabio de Olinda-39”, vista anteriormente, outros homens heterossexuais preferem “carimbar” em seus *nicknames* a escolha do sexo com o qual desejam “conversar”: a mulher, como em “grisalho quer mulher”, “é de carro p/M”, “EMPRESÁRIO TC SÓ M”, “tarado por mulher”. Essa prática linguística pode ser útil para ampliar a reflexão sobre os significados acerca da heterossexualidade, no *chat* analisado.



Inicialmente é possível aventar que, para além de simplesmente marcar sua orientação sexual, o homem heterossexual ao explicitar o desejo de apenas teclar com uma mulher, ao mesmo tempo em que pontua esse desejo, pontua também que não quer teclar com outro homem. Sendo assim, para além de dizer de sua escolha sexual, esse outro homem heterossexual deixa implícito que sabe do interesse afetivo-sexual que predomina naquela comunidade de prática, o interesse homo e bissexual, mas, resolve ali permanecer. Desse modo, essa atitude configura-se como uma abertura à possibilidade de frequentar as mesmas salas que são frequentadas por outras masculinidades diferentes da sua.

Tal atitude, marcada por seus usos linguísticos, mesmo que a opção de divisão do mesmo espaço de conversa seja com ressalvas, certamente imprime nesses homens contornos diferentes daqueles propostos para a heterossexualidade, aqueles que solicitam o afastamento do homem que “não é homem”. Conhecedor da sala e do interesse maior neste espaço, provavelmente o “EMPRESÁRIO TC SÓ M”, por exemplo, está na tentativa de evitar o estabelecimento de contatos com outro homem, mesmo que seja para dizer que não quer manter contato com ele, pois, ocorrem muitas situações em que, pelo fato de o heterossexual não marcar em seu *nick* a sua preferência sexual, a exemplo de “fabio de Olinda-39”, recebe envio de mensagens de um outro homem. A passagem abaixo, do meu *diário de campo*, ilustra bem isso:

No dia 30 de abril de 2011, após longas horas de estudos acerca do letramento digital, resolvi entrar e observar uma sala de bate-papo UOL (Cidade Recife), às 4:52, exatamente.

Trecho de conversa aberta

Carinhoso web fala para **Luciana**: pega o meu msn ai amor

Carinhoso web fala para **Luciana**: andrebolado2011@xxx.com.br

Eduardo fala para **Carinhoso web**: passa amor eu pego

Eduardo fala para **Carinhoso web**: passa amor eu pego

... certamente a “cantada” é permitida na compreensão de “Eduardo”, pelo fato de “Carinhoso web” apresentar-se apenas por seu comportamento afetivo, não identificando, deste modo, seu interesse ou preferência sexual. Ainda podemos pensar que o fato de “Carinhoso web” teclar com “Luciana”, logo, estabelecendo uma identificação de preferência sexual, a heterossexualidade, não indica, neste espaço, que ele seja apenas hétero ou que não queira teclar com outro homem (ou que não esteja disponível para teclar com outro homem).



A situação de investida que “Eduardo” dá em “Carinhoso web”, mesmo quando este está teclando com uma mulher, leva-nos a compreender os motivos pelos quais diversos heterossexuais preferem marcar a heterossexualidade no *nick*, objetivando evitar o contato com homo e ou o bissexual, mantendo-se, assim, sem relação conversacional com as outras masculinidades. Todavia, acreditamos que, mesmo com as ressalvas evidentes, a heterossexualidade vai se construindo mais acolhedora para com a diversidade de masculinidade, visto que a atitude de permanência no mesmo ambiente, além de figurar a compreensão de que elas existem, aponta para uma possível convivência entre estas masculinidades. Por esse ângulo, vemos esse comportamento como algo positivo, visto que em tempos de homofobia exacerbada, a compreensão da existência do outro e a possibilidade de convivência com ele, mesmo que mínima, geram grandes ganhos para a sociedade, em direção ao respeito da diversidade de identidades sexuais.

4.4 Maxo x Macho: é mesmo hétero? – por uma concepção de *pós-heterossexualidade*

Uma outra inferência, a partir da cantada de “Eduardo” em “Carinhoso web”, é possível, no sentido de que a fala “passa amor eu pego”, referindo ao *e-mail* ofertado a “Luciana”, deixa evidente o significado de que mesmo o sujeito sendo heterossexual pode teclar, entenda-se “relacionar-se”, como outro homem. Esse sentido poderia restringir-se apenas a uma cantada, simplesmente, visto que “este é um dos maiores desejos de um gay: transar com héteros”, se levarmos em consideração essa fala comum no meio gay. Todavia, as práticas linguístico-discursivas nas Salas Cidades e Regiões UOL apontam para outra direção. Nessas salas são gerados significados que colocam o heterossexual em contato sexual, não sei se também afetivo, com outro homem, de outra identidade sexual, ou mesmo outro heterossexual. *Nicks* apontam para essa configuração da masculinidade heterossexual: “CASADO MAMA CASADO” e “comedor de hetero”.

Inicialmente, ao refletirmos sobre o uso do *nickname* “CASADO MAMA CASADO”, logo inferimos, através da desinência de gênero “o”, que o *nick* propõe uma relação de sexo oral entre homens. Assim, é mais comum em nossa sociedade imaginarmos que se trata de uma relação homossexual. Entretanto, se a proposta é de uma relação entre casados, voltamos ao significado anterior: trate-se de uma relação entre homens, casados, portanto, compreendidos como heterossexuais. Ainda na tentativa de negar tais sentidos, buscamos acreditar que o significado de casado remete a um casamento homoafetivo. Todavia, sabendo dos meandros de funcionamento das salas de bate-papo UOL, compreendemos



que o termo “casado” é usado para representar o homem casado com uma mulher, não o contrário. Deste modo, os sentidos de que o *nick* propõe uma relação homoerótica entre dois homens que se compreendem heterossexuais insistem em permanecer.

Se no item anteriormente discutido os sentidos não são “claros”, no segundo *nickname* elencado, os significados estão “expostos”. Em “comedor de hetero”, está explícita a ideia de uma relação entre homens, na menor das hipóteses, sendo um deles heterossexual, pelo exposto na palavra “hetero”. O *nick* propõe uma relação entre um sujeito que possui a “atividade” da heterossexualidade, ou ele mesmo se compreenda heterossexual, o “comedor”, e outro homem também heterossexual, que assumiria a passividade. Configura-se, dessa forma, a quebra de sentidos socialmente aceitos para a heterossexualidade. Isso é mesmo possível?

Há controvérsias. Em 2010, o *post* “Como vencer um hétero a transar com um gay”, no *Super pride*, discute a possibilidade de uma relação homossexual de um homem heterossexual. O *post* deixa marcas de que essa relação não é possível, pois provavelmente o homem não seria hétero, como adverte:

(...) tenha em mente que você não está pegando um hetero e sim um bissexual enrustido que vive uma vida hetero, por diversos motivos, seja porque ele quer, seja por medo de se assumir, seja por estar apaixonado por uma mulher e isso bastar, seja por ele ser lerdo mesmo e ainda não ter caído a ficha de que ele PODE MAIS e etc.

(...) Já fiz sexo com pessoas que se diziam heteros convictos, ou que estavam ali só porque “pegar mulher” estava difícil, ou porque a namorada insistiu em fazer a três (...). Todos eles têm o mesmo discurso, não pode beijar na boca e impõe um monte de limites. Já que é pra abrir o diário eu vou falar: na grande maioria das vezes eles se deixaram entregar e beijaram a minha boca sim, não porque eu seja o fodão, longe de mim, mas porque se sentiram a vontade naquela situação. Sei lá, eles tem uma coisa com beijo na boca, tipo, você pode enfiar o pau em qualquer buraco, porque até ai tudo bem, você é macho, tá invadindo um rabinho quente e apertadinho, mas se beijar na boca: PÔ, AI NÃO VELHO!

Os argumentos de Nelson Sheep vão em direção a uma identidade essencialista, aquela que nasce com o sujeito e que é tomada como em relação de causalidade entre comportamento sexual e a identidade sexual. Dentro desses parâmetros, faz sentido negar a heterossexualidade com prática sexual homo. Os argumentos ou contra-argumentos afirmam que esses homens apenas se dizem héteros e



têm uma vida hetero. Mas, seriam bissexuais. Mais uma vez, Nelson Sheep olha para a sexualidade a partir do papel de sexo, vislumbrando seu bojo de expectativas e atividades. Por isso, fecha a possibilidade que insiste em se apresentar: heterossexuais podem estabelecer relações homossexuais. Porém, se compreendemos que o comportamento sexual não estabelece relação direta com a identidade sexual, e entendendo que se o sujeito diz ser heterossexual, leva uma vida heterossexual e assume práticas linguístico-discursivas comuns aos heterossexuais, como em “Pô, aí não, velho!”, é possível sim que ele assume para si, não apenas para a sociedade, que é heterossexual, bem como vivencie em seu dia a dia práticas heterossexuais. Logo, configura-se heterossexual. É importante também nesse momento considerarmos que a nossa cultura não tem roteiros, ao menos públicos, que direcionem os sujeitos para esse entendimento, como é visível no comentário de “Anônimo” ao citado *post*:

Não existe essa história de hetero ter vontade de comer homem, no máximo é um bi enrustidinho. Hetero vai preferir mulher em qualquer situação (**Anônimo**, 9 de março de 2011 15:09).

Entretanto, nas conversas travadas nas salas em análise, a afirmativa “Hetero vai preferir mulher em qualquer situação”, de “Anônimo”, pode fazer sentido se “preferir” for entendido como “dar preferência”, “colocar em primeiro plano”, mas nunca com o sentido de restrição. Mas, é importante considerarmos que a prática homossexual dos heterossexuais se realiza sob algumas restrições, como o não beijar, apontado. É isso que parece acontecer na privacidade, como leva-nos a entender “Lucas Alfenas”:

(...) tenho 20 anos sou Heterossexual convictissimooooooooo, mas nunca tive uma situação em que um homem (Gay) quisesse fazer sexo comigo, embora segundo as mulheres que conheço sou classificação 11,5 de 1 a 10 em termos de beleza e Sexy, pego todas, porém acho que se um amigo meu que eu conheço quisesse ou tivesse uma queda por mim, com certeza eu o comeria (De 4 somente) pois tudo é a mesma mxxx, agora do Beijo isso não faço não pois considero o beijo muito pessoal entre 2 pessoas (disso não abro mão) e era só uma vez e só, ate por que quando a mulher não quer dá você pode recorrer ao amigo Gay (**Lucas Alfenas**, 1 de fevereiro de 2011 04:00).

E no *chat*, que sentidos são produzidos? Em conversa informal procurei entender que entendimentos “nerd 22”, que é heterossexual e tem práticas homossexuais, possui acerca desse comportamento.



(08:34:41) **nerd 22 (reservadamente)** fala para **Estudante**: cara, até o início deste ano, eu pegava só mulher

(08:34:55) **nerd 22 (reservadamente)** fala para **Estudante**: depois q experimentei ficar com um kra, voltando bêbado de uma previa em Olinda

(08:35:14) **nerd 22 (reservadamente)** fala para **Estudante**: ampliei, minha capacidade de sentir prazer se é q vc me entende

(08:36:01) **nerd 22 (reservadamente)** fala para **Estudante**: mais ta de boa, ~n sou bichinha ã curto kras afeminados, tenho jeito de homem, voz de homem, me comporto como homem, sou rubro-negro porra

(08:36:25) **nerd 22 (reservadamente)** fala para **Estudante**: e ninguém sabe q eu fiquei com um kra

(08:36:32) **nerd 22 (reservadamente)** fala para **Estudante**: isso já ajuda um bucado

20/12/2010 (Recife)

Ouvindo esse heterossexual, os sentidos propostos nos *nicknames* “CASADO MAMA CASADO” e “comedor de hetero” se confirmam: o heterossexual pode assumir práticas homoeróticas. Na conversa, “nerd 22” expõe como justificava a ampliação da capacidade de sentir prazer, fator que não descaracterizaria a sua heterossexualidade. Tal prática não o tornaria bi, tampouco homossexual. Seus usos linguísticos dirigem-se para as características da heterossexualidade inteligível, pois ele “pega mulher”, “não é bichinha”, “tem jeito de homem”, “tem voz de homem”, “comportase como homem”, gosta de futebol (é rubro-negro, torcedor, em Recife, do *Sport*) e se expressa por “palavrão”, como em “porra”. Entretanto, mesmo afirmando “mais (sic) ta de boa”, os usos linguísticos bem como o discurso de “nerd 22” caracterizam-se como uma defesa da própria face. Certamente isso acontece pelo fato de que, como dissemos anteriormente, em nossa sociedade, na esfera pública, não há esse *script sexual*, o que justificaria suas últimas falas.

Se na esfera pública *off-line* não é possível ou aceitável esses sentidos para a heterossexualidade, nas Salas Cidades e Regiões UOL, os sujeitos velados pelo anonimato publicizam essa heterossexualidade. Se na esfera pública *off-line* não fazem sentidos os dois apelidos aqui analisados, na cultura sexual em construção nas salas de bate-papo tomadas aqui para estudos, ser heterossexual com práticas homoeróticas é um sentido viável e aceitável dentro do *script sexual* daquela comunidade. Nesse sentido, compreendemos que a heterossexualidade pode ser *queer* (SANTOS FILHO, 2012). Chegamos à ideia de uma “pós-heterossexualidade”, uma heterossexualidade não unitária, não convencional, mas fluida, com variações.



Observações finais...

Retomamos a ideia de que o foco de nossa discussão esteve na compreensão de letramento não como habilidades e competências no/do uso da língua, em sentido de uma competência linguística, ao contrário, na competência comunicativa, o entendimento dos usos linguístico-discursivos que contam como válidos em dado evento sociointeracional, e que estes usos atuam na construção das identidades. Assumimos, assim, o letramento por uma perspectiva construcionista, a de que o mundo é negociado, reformado, modelado, organizado, mantido, destruído, etc., através dos sentidos propostos nas “conversas”. Nesse pensamento, os usos linguístico-discursivos da matéria na revista *Men's Health* são pautados tendo em vista o que conta como válido para a relação que o período propõe estabelecer com o perfil do homem com o qual imagina dialogar, bem como com o perfil do homem que deseja forjar. Isto é, os usos linguísticos e os discursos ali são estratégias de construção de significados da masculinidade hegemônica, o homem heterossexual. Na construção desse mesmo homem, os usos do *nickname* e da polidez no cumprimento, por “fabio de Olinda39”, no *chat*, parecem ser usos linguísticos que desconsideram o contexto no qual está em interação, pois o que conta como uso válido nesse evento interativo é a marcação dos interesses, qualidades e ou atributos sexuais no nome de apresentação. Seria um baixo grau de letramento? Teria sido este o fato em função do qual ele não foi bem sucedido? No espaço dos *chats*, as Salas *Cidades* e *Regiões UOL*, a macheza masculina é ensaiada através do uso do sufixo de grau “ao”, para intensificar a si, intensificar uma qualidade, uma condição e ou uma parte do corpo. Logo, trata-se de uso linguístico-discursivo que conta como válido, pois ser “homão” se caracteriza como válido, à medida que assumir a virilidade é desejo entre os papeadores, na busca da “atividade” – é a heterossexualidade que serve de parâmetro. Entretanto, no espaço do *chat*, o “homão” pode não ser um heterossexual inteligível. Tais sentidos são também produzidos pela descrição de si como homem com “jeito, voz e atitude de homem mesmo, ativo, discreto, não afeminado”, usos da língua que contam como válidos. Outra atitude dos heterossexuais nas conversas tecladas nos *chats* analisados é a marcação da orientação sexual no apelido, que, muito mais do que marcar a busca sexual, aponta a possibilidade de convivência neste espaço com outras identidades masculinas, figurando um heterossexual mais acolhedor, mesmo que com ressalvas. E nas interações nos *chats*, um outro sentido, incomum nas conversas do mundo *off-line*, insiste em se apresentar: heterossexuais podem estabelecer relações homossexuais. Para estes, o *nickname* é o recurso linguístico primeiro que demarca esse significado, como em “comedor de hetero” ou “CASADO MAMA CASADO”. Pelo exposto, nesse tempo de *chat*, os homens têm outras possibilidades de usos dos recursos linguísticos, na tentativa de gerar outros sentidos de si, sejam os homossexuais, os bissexuais e ou os heterossexuais.



Referências

BARTON, David e HAMILTON, Mary. Literacy, reification and the dynamics of social interaction. In: David Barton e Karin Tusting. **Beyond Communities Of Practice: Language, Power And Social Context**. Nova York: Cambridge University Press, 2005, p. 14-35.

BUTLER, Judith. Sujeito do sexo/gênero/desejo. In: Judith Butler. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 16-60.

CARRARA, Sérgio. Masculinidade em crise no mundo atual. In: Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.) **Novas Identidades – a vida em transformação: conhecimento/sabedoria/felicidade**. CPFL CULTURA, 2009. Disponível em < <http://www.cpfcultura.com.br/2009/12/04/integra-masculinidades-em-crise-sergio-carrara/> >. Acesso em 16 de março de 2011.

CONNELL, Robert White. Políticas de Masculinidade. **Educação & Realidade**, nº 20(2), jul/dez, p. 185-206, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. **Transformações da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: Branca Ribeiro Telles e Pedro M. Garcez (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, [1979] 2002. p. 107-148.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage Publications, 2008.

LIMA, João Gabriel de. Falar e escrever, eis a questão. Revista **Veja**, ed. 1.725, p. 104-112, nov/2010.

LOPES, Iveuta de Abreu. Letramento: constituição e desenvolvimento dos campos de estudo. In: _____. **Cenas de letramentos sociais**. Recife: PGLetras/UFPE, 2006. p. 21-58.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais [Introdução]. In: Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.). **Discursos de Identidades**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p. 13-18.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. A construção do gênero e do letramento na escola: como um tipo de conhecimento gera o outro. **Investigações Literárias e Linguísticas**, v. 17, n. 2, p. 47-68, 2005.



NOGUEIRA, Kiko *et al.* O que é ser homem hoje. **Homem Alfa**, ano 1, n° 01, set/2010. Disponível em < <http://revistaalfa.abril.com.br/entretenimento/sociedade/o-que-e-ser-homem/> >. Acesso em 10 de outubro de 2010.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: Guacira Lopes Louro. **O corpo educado – pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 125-150.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. A prática bissexual masculino comentada. In: **Anais do III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino e I Colóquio de Linguística, Discurso e Identidade**. Ilhéus/BA: UESC, 2010.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. **A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística queer**. Recife, 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

SHEEP, Nelson. Como convencer um hétero a transar com um gay. *Super pride*. Disponível em < <http://www.superpride.com.br/2010/02/como-convencer-um-hetero-transar-com-um.html> >. Acesso 20 de março de 2011.

STREET, Brian. What's “new” in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, vol. 5, 2, p. 77-91, 2003.

TAYLOR, Ian. As novas regras da linguagem. **Men's Health**, ano 5, n° 51, p. 76-80, jul/2010.

WENGER, Etienne. Communities of practice: learning as a social system. **Cover**, V.9, n° 5, p. 01-10, 2008.

Recebido em 17 de abril de 2012.

Aceito em 04 de maio de 2012.

***Ismar Inácio dos Santos Filho**

Professor do Curso de Letras da UNEAL, do Curso de Letras do IFAL/EAD e do Curso de Pedagogia do Instituto Logos de Educação Superior. Desenvolve pesquisas sobre linguagem e construção identitária, com foco em gênero e sexualidade, e sobre formação de professores e ensino de língua portuguesa.

E-mail: ismarinacio@yahoo.com.br

****Judith Hoffnagel**

Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE. Desenvolve pesquisas sobre gêneros discursivos.

E-mail: hoffnagel@uol.com.br